

## A FÁBULA “O LOBO E O CORDEIRO” À LUZ DA PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

### THE FABLE “THE WOLF AND THE LAMB” IN THE LIGHT OF THE DIALOGICAL PERSPECTIVE OF LANGUAGE

**Francisco Cavalcante Xavier<sup>1</sup>**

Mestrando em Letras – UFPA.

Professor de Linguagens da SEDUC/PA e da SEMEC/Belém. Advogado – OAB/PA.

**Antônio Bruno Cavalcante Ferreira<sup>2</sup>**

Doutor em Linguística Aplicada e Ensino da Linguagem – PUC-SP

**RESUMO:** O presente trabalho se propõe a analisar as atitudes das personagens da fábula “O Lobo e o Cordeiro” sob a perspectiva dialógica da linguagem, com base nos conceitos empregados pelo Círculo de Bakhtin, sobretudo em “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]). Defende-se que, assim como ocorre no gênero discursivo “fábula” de maneira geral, o diálogo entre o Lobo e o Cordeiro, a progressão dos fatos e o desfecho dado ao conflito são a materialização de relações dialógicas concretas do mundo extraverbal, e que os dois animais são personificados com base em tipos sociais potencialmente existentes no mundo real. Por fim, entende-se que o poder das relações dialógicas, que tornam o enredo da narrativa possível, deve ficar suficientemente claro, como condição necessária para uma leitura crítica e dialógica, sobretudo no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Gênero fábula. O lobo e o cordeiro. Dialogismo. Relações dialógicas.

**ABSTRACT:** The present work proposes to analyze the attitudes of the characters in the fable “The Wolf and the Lamb” from a dialogic perspective of language, based on the concepts employed by the Bakhtin Circle, especially in “Marxism and the Philosophy of Language” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]). It is argued that, as in the discursive genre "fable" in general, the dialogue between the Wolf and the Lamb, the progression of facts and the outcome following the conflict are the materialization of concrete dialogic relations of the extraverbal world, and that both animals are personified based on social types potentially existing in the real world. Finally, it is understood that the power of dialogical relationships, which make the plot of the narrative possible, must be sufficiently clear, as a necessary condition for a critical and dialogical reading, especially in the school environment.

**Keywords:** Fables. The wolf and the lamb. Dialogism. Dialogical relationships.

#### Considerações iniciais

Quando, em início do século XX, os revolucionários ensinamentos de Ferdinand de Saussure fizeram um profundo e necessário redirecionamento no objeto de estudo da Linguística, não se esperava que as bases epistemológicas dessa ciência estivessem prestes a sofrer novo estremecimento. O fato é que não se demorou a notar os “pontos fracos” do

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: francisco.xavier@ilc.ufpa.br.

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: cavalcante.bruno@yahoo.com.br.

estruturalismo saussuriano, dentre os quais merece destaque um enfoque exacerbadamente mecanicista, imanentista e abstrato da linguagem.

Com efeito, vislumbra-se nessa abordagem teórica certa orientação positivista para os estudos linguísticos, na medida em que se pretendia excluir da língua tudo o que lhe fosse pretensamente “estranho” e “exterior”, em prol de uma visão que se restringisse unicamente ao sistema, em si e por si. Uma das maiores críticas que se passou a fazer à proposta saussuriana foi justamente a de retirar a língua do que se pode considerar, por assim dizer, seu habitat natural: a *sociedade*. Nesse sentido, preleciona Calvet (1993:15) “[Em Saussure] dá-se como certo o caráter social da língua e se passa a outra coisa, a uma linguística formal, à língua em si mesma e por si mesma”.

Como reação, novo cenário se formava para os estudos linguísticos, movido pela necessidade de novas críticas epistemológicas. É nesse novo cenário que emerge, no auge repressor da União Soviética, um grupo de jovens intelectuais russos, contemporaneamente denominados *Círculo de Bakhtin*. De seu labor filosófico, emergiram profundas reflexões, constructos teóricos e, acima de tudo, um novo redirecionamento aos estudos da linguagem. De maneira geral, a maior contribuição desses intelectuais foi a compreensão de que língua e sociedade são absolutamente inseparáveis. De fato, mesmo as formas relativamente estáveis do sistema linguístico, que podem ser objeto de estudo de subáreas específicas (fonologia, sintaxe, morfologia, psicolinguística), jamais escaparão à influência das relações sociais que se formam no plano ideológico e concreto da vida em sociedade.

No presente trabalho, da rica e vasta produção intelectual do Círculo de Bakhtin (doravante, “o Círculo”), dar-se-á especial destaque às reflexões de Valentin Volochínov em “*Marxismo e Filosofia da Linguagem*”, obra publicada originalmente em 1929. Por meio dela, Volochínov se aprofunda na essência da concepção dialógica da linguagem, a qual se afigura fundamental para o pensamento do Círculo, uma vez que está calcada nas diversas formas concretas de interação entre sujeitos reais e não, como outrora, em constructos abstratos.

Inicialmente, pretende-se fazer uma breve discussão teórica acerca do dialogismo na linguagem, à luz das reflexões aprofundadas pelo Círculo. Sabendo-se, entretanto, que o dialogismo se manifesta, necessariamente, por meio de atuações sociointerativas concretas, os *gêneros discursivos*, tomar-se-á um gênero específico como principal suporte para a discussão teórica proposta, a saber, a *fábula*.

Em seguida, o instrumental teórico discutido será aplicado à análise de uma fábula em particular: “O Lobo e o Cordeiro”, na versão de Jean de La Fontaine, com tradução de Ferreira

Gullar para o português. O que se objetiva ao trazer a referida fábula como *corpus* de análise é mostrar, argumentativamente, como o dialogismo se manifesta em enunciados concretos dos gêneros do discurso. Como se perceberá ao longo da análise, os nomes das duas personagens da narrativa serão sempre grafados com letra inicial maiúscula (Lobo, Cordeiro), como opção decorrente da ideia de que, em verdade, trata-se de nomes próprios camuflados, a representar *seres humanos* presentes no mundo social.

Ao final do trabalho, a título de conclusão, a importância da leitura dialógica do gênero “fábula” será reforçada, em especial no ambiente escolar, como *locus* que é do aperfeiçoamento e progressão do conhecimento. Contudo, não serão oferecidas propostas práticas de aplicação didática, as quais, certamente, demandariam um trabalho específico, dada sua enorme relevância para a prática docente.

Por fim, não há pretensão de acabamento ou perfeição. Tem-se consciência, em vez disso, de que este trabalho é apenas uma proposta indicativa de uma produção futura mais sólida, a qual, todavia, demanda mais tempo para seu aprimoramento.

## **Reflexões teóricas**

### *A concepção dialógica da linguagem*

Não é tarefa simples definir “dialogismo”. Suposto seja mesmo possível chegar a uma definição estável para o termo, certamente não haveria caminho unívoco para isso: o termo, em si, já carrega uma dialogicidade inerente, tornando paradoxal qualquer definição que se pretenda unívoca ou exclusiva. Destarte, não se pretende oferecer propostas conceituais, uma vez que poderiam resultar vagas e infrutíferas. Pretende-se, em lugar disso, levantar discussão direcionada e exemplificada acerca da concepção dialógica da linguagem, à luz de reflexões mobilizadas pelo Círculo e por seus estudiosos e explicadores contemporâneos.

Em “*Marxismo e Filosofia da Linguagem*” (VOLÓCHINOV, 2018[1929]), critica-se, a um só tempo, dois enfoques predominantes no trato dos estudos linguísticos em início do século XX. De um lado, a rígida objetividade saussuriana, centrada na ideia de sistema; de outro, uma visão altamente subjetiva, calcada na psicologia individual. Portanto, a virada epistemológica operada pela obra do Círculo consistiu em libertar a linguagem de dois extremos – um reducionismo lógico-abstrato e um psicologismo centrado no indivíduo –, situando-a em seu devido lugar: as *relações sociais*.

Não há linguagem que possa se desenvolver fora do campo social. Todo e qualquer enunciado se estabelece entre sujeitos socio-historicamente constituídos/situados. Nesse

sentido, “[...] o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence” (VOLOCHÍNOV, *op. cit.*, p. 204-205).

A linguagem não pode ser vista como mero instrumento de intercâmbio verbal. Ela é muito mais do que isso. É, a um só tempo, criadora e criatura da própria realidade, que ganha forma por meio das diversas relações humanas plasmadas na convivência social. Metaforicamente, é como se os indivíduos do corpo social estivessem atuando em uma eterna peça teatral, com as falas e atitudes de cada personagem definidas de acordo com o papel (a esposa, a secretária, o pastor, o policial, o bandido etc.) por ela assumido na trama. Cada papel emerge das diversas relações estabelecidas entre as diversas personagens, de modo que certas generalizações, expectativas e prescrições comportamentais se tornam possíveis.

Nessa interação ininterrupta entre sujeitos socio-historicamente situados, na lição de Sobral e Giacomelli (2019:142), está a essência da concepção dialógica da linguagem. Segundo as autoras, atreladas a essa interação, estão formas de atuação linguística concretas e relativamente estáveis, que recebem a designação de *gêneros* do discurso. A linguagem é, assim, um fenômeno ideológico da ação e reação entre diversas vozes sociais, em situação de contrato ou conflito, na materialidade histórica. É por essa razão que não se pode falar em linguagem *in abstracto*, isto é, fora do âmbito das relações dialógicas concretas.

O caráter dialógico da linguagem é inerente a todo e qualquer campo da vida social e pode ser percebido nos diversos gêneros materializadores do discursivo. Isso porque, em cada novo enunciado, em cada nova manifestação discursiva, subjaz uma alta carga de responsividade direcionada a um (ou mais de um) posicionamento discursivo anterior, ainda que nem sempre essa dialogicidade esteja no nível da consciência do indivíduo. O eco de diferentes vozes sociais direciona o agir concreto-verbal de cada pessoa no mundo. O repertório linguístico-comportamental de cada pessoa escora-se na relativa estabilidade esperada do papel social por ela “assumido” no mundo.

Evidentemente, esse caráter dialógico da linguagem não se restringe a gêneros específicos, abarcando, em diferentes graus, todo o material semiótico-discursivo que se possa produzir socialmente. Um recorte no objeto teórico, porém, faz-se necessário. Por essa razão, daqui em diante, um gênero discursivo específico será focado: a fábula.

## **As Fábulas**

A fábula é um dos gêneros discursivos mais presentes na escola. Muitos alunos, inclusive, em algum momento de sua infância, já precisaram caracterizar-se de algum animal para eventos escolares que incluíam a dramatização de um exemplar do gênero. Isso ocorre com muita frequência durante os primeiros anos do Ensino Fundamental.

Diante disso, tornou-se corrente a ideia de que fábulas são textos direcionados unicamente ao público infantil. De fato, “animaizinhos falantes” não parecem, à primeira vista, representar adequadamente o mundo adulto: não seriam dotados de suficiente austeridade para retratar com profundidade os percalços da vida humana.

Trata-se de uma ideia equivocada. As fábulas, com toda a sua riqueza alegórica, revelam-se um gênero discursivo apto a trazer profundas reflexões a todas as fases da vida, seja no âmbito escolar, seja fora dele. A própria história do gênero não apenas revela sua universalidade, mas até pressupõe seu direcionamento a um público maduro o suficiente para entender os jogos simbólicos operados.

Com existência atestada desde, pelo menos, o século VI a.C, quando vasta produção fora atribuída a um ex-escravo grego chamado Esopo, as fábulas são produto da tradição oral, com a finalidade de criticar tipos e vícios humanos. Assim, desde sua gênese, têm caráter moralizante e pedagógico. Senão, vejamos:

[A fábula] é um gênero que mobiliza discurso tenso, moralizante, sustentada por um amálgama de juízos de valor mobilizados em caracterizações de personagens e apresentação de atos posicionados, como réplica possível de aspectos éticos do que se apresenta na vida social e historicamente organizada (MENEGASSI; ANGELO; MENDES-POLATO; GASPAROTTO, 2020: 198).

Os ensinamentos acima destacam que as fábulas, como um gênero vivo, mobilizador de discurso, implicam posicionamento responsivo socio-historicamente localizado. O *locus* discursivo por excelência das fábulas é, portanto, a própria realidade sócio-histórica, formada por sujeitos reais, partícipes das diversas relações dialógicas materializadoras do que há de mais essencial na linguagem: o dialogismo.

A tensão discursiva e mesmo o potencial teor ofensivo das fábulas ajudam a explicar, em parte, o porquê de sua representação alegórica e indireta das relações sociais. Essa representação, como se sabe, é feita geralmente por meio da personificação de animais (ou, sob outro ângulo, pela zoomorfização de tipos humanos), já que referências diretas e claras poderiam acarretar respostas furiosas dos alvos críticos.

O resultado desses expedientes discursivos é que as fábulas se tornam um gênero que, elegantemente arquitetado, possibilita, a um só tempo: a) alto poder reflexivo sobre as mais profundas questões humanas; b) acesso democrático a públicos altamente diversificados. Esse valioso atributo didático, de certa forma, é comum aos gêneros narrativos alegóricos em geral, como as fábulas, as parábolas, os apólogos.

A leitura dialógica deve ser o caminho priorizado para as fábulas, pois permite ver as diversas circunstâncias extraverbais que mobilizam os enunciados, não se limitando ao que está posto explicitamente pelas formas linguísticas. É fundamental que se entenda que os personagens representam tipos humanos reais, e que o enredo é a representação alegórica do potencial discursivo advindo de relações dialógicas concretas.

A título de exemplo, na fábula “A Cigarra e a Formiga”, vê-se claramente que valores são mobilizados em torno das personagens. As incansáveis formigas, ao olhar de sociedades de economia capitalista, apresentam comportamentos humanos desejáveis e extremamente valorizados, enquanto a cigarra apresenta conduta reprovável, digna de repúdio e sanção. O final feliz das formigas e o fim trágico da cigarra revelam os valores, respectivamente, positivo e negativo dos tipos humanos correspondentes; e, principalmente, direcionam uma forte admoestação pedagógica ao leitor, que, então, teria o “poder” de escolher o futuro que lhe reserva: o das Formigas ou o da Cigarra.

É interessante a releitura dessa mesma fábula por Monteiro Lobato, muito bem explorada por Gomes e Ohuschi (2021). Nessa releitura, outros valores sociais são mobilizados. A cantante cigarra, tal qual o artista, possui um inestimável valor, pois torna os dias de labor das formigas suportáveis e até agradáveis. Dessa forma, a arte, como um todo, metonimizada pela música, tem seu lugar essencial na vida humana reconhecido.

Vê-se, assim, que as relações sociais mobilizam discursos e valores, evidenciando-se o caráter dialógico da linguagem. Tal caráter dialógico pode ser perfeitamente reconhecido nas fábulas, como se evidenciou acima em “A Cigarra e a Formiga” e como se pretende deixar claro por meio de uma análise mais detalhada de “O Lobo e o Cordeiro”.

### **Dialogismo em “O Lobo e o Cordeiro”**

A fábula “O Lobo e o Cordeiro” é originalmente creditada a Esopo (séc. VI a. C.), famoso contador de histórias da Grécia antiga que se destaca, até os dias atuais, como um dos maiores fabulistas da História. Todavia, como se trata de uma história milenar, transmitida ao longo de muitas gerações, recebeu diversas versões no decorrer do tempo. A versão da narrativa

aqui escolhida é a bela tradução de Ferreira Gullar da versão francesa, do século XVII, escrita em versos, por Jean de La Fontaine. Ei-la:

### ***O Lobo e o Cordeiro***

*Na água limpa de um regato,  
Matava a sede um Cordeiro,  
Quando, saindo do mato,  
Veio um Lobo carniceiro.*

*Tinha a barriga vazia,  
Não comera o dia inteiro.*

*– Como tu ousas sujar  
a água que estou bebendo?  
– rosnou o Lobo, a antegozar  
o almoço. – Fica sabendo  
que caro vais me pagar!*

*– Senhor! – falou o Cordeiro –  
encareço a Vossa Alteza  
que me desculpeis, mas acho  
que vos enganais: bebendo,  
quase dez braças abaixo  
de vós, nesta correnteza,  
não posso sujar-vos a água.*

*– Não importa! Guardo mágoa  
de ti, que, no ano passado,  
me destrataste, fingido!*

*– Mas eu nem tinha nascido.*

*– Pois, então, foi teu irmão!*

*– Não tenho irmão, Excelência.*

*– Chega de argumentação.*

*Estou perdendo a paciência!*

*– Não vos zangueis, desculpai!*

*– Não foi teu irmão? Foi o teu pai*

*Ou senão, foi teu avô –*

*disse o Lobo carniceiro.*

*E ao Cordeiro devorou.*

*Onde a lei não existe, ao que parece,  
a razão do mais forte prevalece.*

Como destaca Pietroforte (2019:75), essa fábula tem como pano de fundo o tema “contra a força não há argumentos”. De fato, os fiéis argumentos do Cordeiro não surtiram

efeito algum diante de seu interlocutor, que estava irremediavelmente obstinado a levar a cabo seu intento, sem que nada nem ninguém pudesse demovê-lo.

Há, no entanto, algo muito intrigante no enredo. De um lado, o forte e faminto Lobo, de outro, o frágil e indefeso Cordeiro, sozinhos, em terra de ninguém, sem que outros “animais” da floresta pudessem interferir no conflito. Não poderia o Lobo simplesmente ter devorado o Cordeiro de imediato, sem tantas formalidades e argumentações? Poder para isso não lhe faltava! Eis o “X” da questão. Levando-se em conta que os dois animais são representantes alegóricos de relações dialógicas concretas do mundo real, uma coisa apenas faltava ao Lobo, a qual buscava obter a todo custo, ainda que de forma atabalhoada: *legitimação* para o seu ato. A chave que dá acesso a esse entendimento é uma análise dialógica do enunciado fabular, de suas personagens e respectivas falas, da situação extraverbal. É o que se fará a seguir.

### **Um tribunal inquisitivo em forma de fábula**

Neste momento, pedimos vênias para uma breve incursão em alguns conceitos do mundo jurídico, o que não se fará sem um propósito claro: compreender a fábula sob o enfoque de uma relação dialógica bem estabelecida socialmente, a saber, um tribunal penal.

*Grosso modo*, há dois sistemas processuais que costumam ser adotados pelos Estados Nacionais para investigar atos criminosos: o sistema acusatório e o inquisitório (ou inquisitivo).

O sistema acusatório é próprio dos países democráticos e caracteriza-se, em síntese, por atribuir a órgãos e atores diferentes as funções de acusar/produzir provas acusatórias (promotor) e julgar (juiz). Caracteriza-se, ademais, por enxergar o réu como sujeito de direitos, cuja inocência é presumida, até que outrem logre provar o contrário.

O sistema inquisitivo, por sua vez, caracteriza-se, em linhas gerais, pela acumulação, por um único indivíduo, de todas as funções supracitadas, isto é, acusar, inclusive com produção de provas, e julgar. O réu é mero objeto do processo, e não se opera com a noção de presunção de inocência. É evidente que tal sistema é próprio de regimes totalitários.

A relevância de tais conhecimentos reside no fato de que, sob enfoque do dialogismo, “O Lobo e o Cordeiro” se assemelha sobremaneira a um prototípico tribunal penal inquisitivo, conforme se evidenciará a seguir com a análise das personagens.

#### *O Cordeiro*

A fábula principia com a narração de atos do pequeno Cordeiro: “*Na água limpa de um regato, matava a sede um Cordeiro...*”. Evidentemente, a escolha de um cordeiro para



representar o papel não se deu à toa, na medida em que esse animal, historicamente, carrega uma simbologia muito peculiar: é indefeso, inocente e está destinado à morte. Esse recurso metafórico é basilar, por exemplo, no Cristianismo, sendo Jesus o “*Cordeiro que tira o pecado mundo*”. Sabe-se que a narrativa bíblica consigna que essa remição de pecados de uma sociedade má se dá por meio do sacrifício da vida de um inocente, ele mesmo sem pecados. Tomadas as devidas reservas, uma vez que se está diante de narrativas de época e propósitos muito diferentes, encontram-se paralelos entre os “cordeiros” dos dois textos.

De volta ao Cordeiro da fábula, encontrando-se este indefeso e sozinho diante de seu algoz, não lhe restava alternativa, senão argumentar. Seus argumentos, a propósito, mostraram-se lógicos e fiéis. Quando o Lobo, falsamente, o acusa de estar a sujar a água, replica-lhe:

“– *Senhor! [...]*  
*encareço a Vossa Alteza*  
*que me desculpeis, mas acho*  
*que vos enganais: bebendo,*  
*quase dez braças abaixo*  
*de vós, nesta correnteza,*  
*não posso sujar-vos a água”.*

A acusação do Lobo não encontrava qualquer respaldo no mundo fático.

Semelhantemente, quando o Lobo o acusa de tê-lo ofendido no ano anterior, o tenro Cordeiro, mais uma vez, prova ser o lado lúcido e fiel da contenda: “*mas eu nem tinha nascido*”. Igualmente lúcida é sua resposta quando o Lobo, diante da total implausibilidade da acusação, afirma que a suposta ofensa lhe fora dirigida pelo irmão do Cordeiro, e este deveria responder pelo erro de seu familiar: “*Não tenho irmão, Excelência*”.

Note-se que a linguagem usada pelo Cordeiro para se dirigir ao Lobo é sempre muito respeitosa e até submissa – como sói ocorrer diante de juízes em tribunais –, o que mostra que ele sabia estar diante de uma “autoridade” com poder de decretar seu destino. O respeito e submissão são bem evidenciados pelo uso do pronome “vós”, de emprego restrito e solene no português brasileiro: “*encareço a Vossa Alteza que me desculpeis, mas acho que vos enganais: bebendo, quase dez braças abaixo de vós, nesta correnteza, não posso sujar-vos a água*”. Ademais, as próprias formas de tratamento dispensadas ao Lobo revelam o extremo respeito e sujeição do Cordeiro (*Senhor, Alteza, Excelência*).

Não obstante, respeito, lógica e verdade não lograram ser atributos capazes de livrar o Cordeiro de seu triste destino. A razão disso, como se verá adiante, reside no fato de que, como em toda interação discursiva no âmbito de qualquer relação dialógica, há sempre um

*outro* partícipe da interação. Um outro cuja responsividade é guiada pelo papel que assume, ou acredita assumir, na relação dialógica particular.

### *O Lobo*

A figura do Lobo é introduzida na fábula imediatamente após a construção narrativa do Cordeiro a beber água pacificamente no riacho, muito *abaixo* de onde o predador se pôs:

[...]  
*Quando, saindo do mato,  
Veio um Lobo carniceiro.  
  
Tinha a barriga vazia,  
Não comera o dia inteiro.  
– Como tu ousas sujar  
a água que estou bebendo?*

O fragmento acima apresenta a motivação real que levou o Lobo a devorar o Cordeiro: estava faminto, pois não comera havia muito tempo. No entanto, conforme destacou-se *supra*, o Lobo não devorou sua vítima de pronto, embora pudesse fazê-lo sem que esta oferecesse qualquer possibilidade de resistência.

Isso mostra que, por trás da figura zoomórfica do Lobo, opera a personificação de um tipo humano muito peculiar: aquele que se prevalece indevidamente de seu poder em benefício próprio, mas vê-se obrigado a legitimar seus atos reprováveis diante de expectadores. Isso explica o caminho “argumentativo” escolhido pelo Lobo para saciar sua fome. A primeira acusação visava a convencer potenciais expectadores de que a morte do Cordeiro seria, em verdade, um justo castigo ou vingança por um prévio ato injusto: sujar a água potável do riacho.

À primeira vista, poder-se-ia objetar que essa tese cairia por terra pelo simples fato de que as duas personagens se encontravam sozinhas, longe da presença de expectadores. Tal objeção, entretanto, não merece prosperar, na medida em que, para a linguagem na perspectiva dialógica, o auditório não precisa estar *fisicamente* presente: sua presença pode ser *presumida*, ficta. Relembrem-se as já citadas palavras de Volochínov “[...] na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence” (*op. cit.*, p. 204).

Portanto, não é “aos ventos” que o Lobo direciona seus argumentos, mas ao aparato axiológico balizador da sociedade de que ele e seu interlocutor fazem parte. Tudo indica que, para aquela sociedade, tirar a vida de um ser indefeso sem uma legítima justificativa (como a punição ou vingança por uma ofensa) seria uma atitude valorada negativamente. Assim, o Lobo

não argumentava para o Cordeiro, para si mesmo, ou para a sociedade. *Ele argumentava para os três ao mesmo tempo*. Os interlocutores imediatos e o auditório presumido partilhavam do mesmo sistema axiológico (o que inclui crenças, estigmas, modos de vida, *modus operandi*), que guiava seu comportamento naquela relação dialógica concreta.

Sobre como o mundo interior de cada indivíduo é fortemente condicionado pelo social, pontifica Volochínov: “O mundo interior e o pensamento de todo indivíduo possuem seu *auditório social* (grifo no original) estável, e nesse ambiente se formam os seus argumentos interiores, avaliações etc.” (*op. cit.*, p. 205)

Ao notar que o Cordeiro fora bem-sucedido em dismantelar a acusação de que estava a sujar a água, o Lobo viu-se obrigado a prosseguir de outra maneira em sua tentativa de legitimação: o outro precisava pagar por, supostamente, tê-lo destrutado no passado.

*“Não importa! Guardo mágoa  
de ti, que, no ano passado,  
me destrataste, fingido!”*

Contudo, mais uma vez, o Cordeiro faz cair por terra a argumentação do Lobo, respeitosamente provando-a infundada, pois sequer havia nascido à época do fato alegado. O Lobo, porém, não esmorece em sua empreitada e dá nova roupagem à acusação:

*“– Pois, então, foi teu irmão!”*

Esperançoso, o Cordeiro prontamente refuta mais uma vez a acusação, deixando claro a seu furioso interlocutor que era filho único e que, portanto, seria impossível que o aludido ofensor fosse seu irmão. Daí em diante, todavia, o Lobo, cada vez mais faminto, irritado e malsucedido em suas esdrúxulas argumentações, rasga seu frágil véu democrático e, sem mais delongas, finalmente escancara e executa seu propósito:

*“– Chega de argumentação.  
Estou perdendo a paciência!  
– Não vos zangueis, desculpai!  
– Não foi teu irmão? Foi o teu pai  
Ou senão, foi teu avô –  
disse o Lobo carniceiro.  
E ao Cordeiro devorou.”*

### **O porquê de um olhar dialógico para “O Lobo e o Cordeiro”**

Acerca da concepção dialógica da linguagem tomada pelo Círculo, esclareça-se:

Essa concepção é chamada dialógica porque pressupõe que a linguagem (e os discursos) têm seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da *intersubjetividade* (a interação entre subjetividades) no intercâmbio verbal, ou seja, as *situações concretas de exercício da linguagem* [grifo nosso] (SOBRAL, 2009:32).

Como consequência, uma leitura profunda da fábula ora analisada (assim como de qualquer outro enunciado, de qualquer gênero do discurso) há, necessariamente, de levar em conta a intersubjetividade dos sujeitos partícipes da situação ou relação concreta, materializada por meio da linguagem. Ignorar o fato de que os enunciados adquirem sentido e se constituem apenas dentro dessa concepção dialógica significa esvaziá-los de sua essência e cair em um combatível formalismo reducionista.

Nessa esteira, as relações sociais se plasmam com a expressão linguística do mundo em que vivemos/nos movemos. Com razão assevera Chauí (1998:21), “não há, de um lado, a *coisa-em-si* e, de outro, a *coisa-para-nós*, mas um entrelaçamento do físico-material e da significação [...] aquilo que chamamos de coisa é sempre um campo significativo”.

Em outras palavras, a significação é sempre produto da interação entre sujeitos historicamente situados.

A analogia da fábula “O Lobo e o Cordeiro” com um tribunal configura-se uma possibilidade de situá-la numa relação dialógica familiar ao universo social e simbólico dos potenciais leitores, independentemente de sua classe social, idade, nível de escolaridade. Por essa razão, poderia ser uma estratégia didática muito proveitosa nas aulas de língua portuguesa.

### **Considerações finais**

Não houve intenção, por ora, de se propor uma sequência de atividades para aplicação prática em sala de aula, o que demandaria um trabalho específico. Contudo, desejou-se deixar claro que o gênero “fábula” pode e deve ser trabalhado com todas as faixas etárias na escola, abarcando todas as práticas de linguagem. Não se pode criar restrições estranhas à essência dos gêneros do discurso, pois são produto de crenças equivocadas acerca deles. Uma das restrições mais frequentes é a infantilização das fábulas e sua limitação aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esperamos ter argumentado eficientemente contra isso.

Com efeito, as fábulas podem ser utilizadas na atividade docente em todas as práticas de linguagem, como brilhantemente mostraram Costa-Hübes e Menegassi (2021) para a oralidade, com a versão de Monteiro Lobato de “O Lobo e o Cordeiro”. Evidentemente, o modo de se trabalhar qualquer objeto cognoscível deve ser adequado ao nível de escolaridade e à

maturidade do público-alvo, sem qualquer prejuízo dos princípios norteadores dos documentos oficiais que regem a Educação no país.

Tendo isso bem assentado, a perspectiva dialógica pode e deve nortear a apreensão de qualquer gênero discursivo, na medida em que o dialogismo é um atributo inerente à linguagem, a qual não existe fora das relações dialógicas concretas vivenciadas por sujeitos reais na materialidade histórica e social.

## Referências

- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- COSTA-HÜBES, Terezinha; MENEGASSI, Renilson. **Oralidade e entonação valorativa na formação docente inicial**. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- GOMES, S. N. S.; OHUSCHI, M. C. G. **Conceitos axiológicos em recursos linguístico-enunciativos no gênero discursivo fábula**. In: BELOTI, A.; POLATO, A. D. M.; BRITO, P. A. P. (orgs). Dialogismo e Ensino de Línguas: reflexões e refrações na práxis. 1ª ed. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2021, v.1, p. 49-73.
- MENEGASSI, R. J.; ANGELO, C. M. P.; MENDES-POLATO, A. D.; GASPAROTTO, D. M. **A leitura dialógica de Fábulas**. In: FRANCO, N.; ACOSTA-PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. da C. Estudos Dialógicos da Linguagem: reflexões teórico-metodológicas. Campinas, Pontes, 2020, p. 187-2012.
- PIETROFORTE, Antônio V. **A língua como objeto da Linguística**. In: FIORIN, José Luís (org). Introdução à Linguística: objetos teóricos. 6ª ed. Contexto: São Paulo, 2019.
- SOBRAL, A.U.; GIACOMELLI, K. **Elementos sobre as propostas de Volochínov no âmbito da concepção dialógica de linguagem**. In: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA-PEREIRA, R. (Org.). Estudos dialógicos da Linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 141-162.
- VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológica na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929], p. 227-240.